

Pedro Monteiro, *Ficção e memória na literatura cavaleiresca ibérica. O «Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda» (1567)*, Berlin/Boston, De Gruyter, 2025

Isabel Sofia Calvário Correia
(Escola Superior de Educação de Coimbra
inED - Centro de Investigação e Inovação em Educação,
Instituto Politécnico de Coimbra)

§

Pedro Monteiro publicou recentemente, no livro que aqui comentamos, o resultado da sua tese de doutoramento, apresentada em maio de 2022 na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Já nessa data se previa a necessidade de publicação de tão importante estudo sobre uma obra que, como Monteiro também reconhece, tem estado votada ao quase esquecimento. Já é sabido que os estudos literários em solo português não se têm dedicado com afincos aos livros de cavalaria, porém, o *Clarimundo* e o *Palmeirim* têm merecido, ainda assim, alguma atenção, quer na forma de edições críticas, quer em estudos de doutoramento ou artigos científicos recentes. O *Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda* de Jorge Ferreira de Vasconcelos estava até há pouco tempo, nas palavras de Monteiro, pouco considerado. Além disso, estudar o *Memorial* do ponto de vista do conceito de memória intrinsecamente relacionado com a teoria literária é uma perspetiva nova, arrojada, por pouco frequente, na investigação sobre livros de cavalaria portugueses e que o autor encetou com mestria e rigor.

O livro que lemos com interesse e deleite, divide-se em cinco capítulos, todos tendo em comum uma análise criteriosa do texto de Vasconcelos, embasada no conceito de transtextualidade proposto por Genette, termo que engloba noções como architextualidade, intertextualidade, paratextualidade e hipertextualidade, ou seja, estamos,

como já afirmamos nas linhas precedentes, perante um estudo de e sobre literatura. Pedro Monteiro anuncia na introdução esta perspetiva e apresenta sucintamente o que diferencia cada um dos robustos capítulos em termos de temáticas, unidos pela visão narratológica que afirmou ter. Assim, desde a relação com as precedentes obras arturianas e outros livros de cavalaria coevos, portugueses, sobretudo, mas também castelhanos, passando pelo diálogo com autores como Boccaccio, não descurando aquilo a que se propôs ter como fio condutor, a memória, tudo se apresenta diante do leitor de *Ficção e memória na literatura cavaleiresca ibérica: O “Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda” (1567)* como um fôlego que incita a ler, refletir e aprender. Começemos, então, a leitura.

O capítulo 1 é precedido pela introdução que contém, além da perspetiva assumida pelo autor a que já aludimos, um rigoroso estado da questão no que concerne os estudos em torno de livros de cavalaria, castelhanos e portugueses, com destaque para estes últimos e, evidentemente, para o *Memorial*. Após a constatação de que o livro de Vasconcelos merece mais e distintos olhares, começamos a ler sobre as fontes arturianas, já evidentes no título da obra, conhecidas num nível textual, ou seja, para quem, sendo medievalista ou estudioso de livros de cavalaria, lendo o texto quinhentista parece adivinhar. Todavia, Pedro Monteiro centra a sua atenção na «interfiguração», tradução proposta por ele para o termo *interfigurality*, analisando minuciosamente a “mobilidade de figuras entre textos literários” e explicando claramente o que vai além de apenas nomes comuns ou invocações típicas, apresentando meticolosamente a ressignificação de motivos arturianos, nomeadamente a tessitura textual em torno do conceito de linhagem que Vasconcelos retoma e transfigura, não deixando de ser, também no livro de quinhentos, um eixo centralizante. Segue-se a «interfiguração» proposta, começando em Sagamor, a quem é dado o destaque evidente como antonomásia da corte, e prosseguindo com outras personagens arturianas que aqui também operam com novas roupagens de sentido, mormente funcionais, que Monteiro sugere que se relacionem com idêntico tratamento dado por outro livro, a *Crónica de los Nueve de la Fama*. Além da matéria arturiana como pano de fundo, neste e em outros livros de cavalaria, Monteiro desvela a complexa reescrita de personagens como Sagamor, que legitima, pela linhagem de Artur e de Constantino, que Vasconcelos engendra, a importância da linhagem no *Memorial*.

O capítulo 2 versa sobre a relação do livro de Vasconcelos com outros livros de cavalaria ibéricos. Como já lemos no capítulo precedente,

os motivos arturianos requereram um cruzamento com outras fontes para não apenas manter motivos, como a centralidade linhagística, mas para os renovar ao gosto literário de então. Uma das diferenças que Monteiro aponta no *Memorial* é a de que este livro de cavalaria, ao contrário da maioria, não se centra na biografia de um protagonista, mas na de vários cavaleiros. Todavia, o investigador acrescenta que, ainda assim, o modelo do Bom Cavaleiro retoma outras personagens arturianas, como Lancelot e Tristão, e cavaleirescas, como Amadis, Clarimundo e Palmeirim. Assim, aqui, parece uma resignificação aparente. Partindo para a análise do par Cavaleiro das Armas Cristalinas e Celidónia, Monteiro vai mais longe do que a matéria arturiana, encontrando na obra de Vasconcelos temáticas que remontam à lírica provençal e ao código de amor cortês, ainda que o amor *ex visione* seja menos impactante que o alegórico roubo do coração, o que, na nossa visão, também nos pode transportar para as narrativas em torno do *coeur mangé*. Continuamos a leitura compreendendo que não é apenas o modelo de realza resignificado em Sagamor que encontramos neste livro, mas também um “Espelho de Amores”, nomeadamente pela minuciosa comparação entre Miraguarda, personagem icónica do *Palmeirim*, e Celidónia do *Memorial*, ressaltando que, neste caso, não é visível o desprezo feminino mas, sobretudo, a necessária “educação sentimental” para a honra da mulher, patente em outras donzelas de livros de cavalaria, como Oriana, Clarinda ou Polinarda, presentes em três das obras com que o *Memorial* mais de perto dialoga. Pedro Monteiro conclui este capítulo mostrando como o livro de Vasconcelos tece novos sentidos a partir do diálogo estreito com o *Amadis* e a tradição clássica, destacando a «interfiguração» de personagens amadisianas como Corisanda, mas também estabelece relações «transtextuais» entre outras personagens do *Amadis* e do *Clarimundo* de forma fundamentada e precisa que é impossível de transpor para umas breves páginas que não mais são do que uma súmula da nossa leitura de tão portentoso estudo.

No antepenúltimo capítulo, o autor apresenta as relações do *Memorial* além da península ibérica, trazendo à colação motivos, e excertos, do *Filocolo* de Boccaccio, para ilustrar, agora a partir deste texto, a «interfiguração» de personagens como Samuntino e Guarístenes, não esquecendo a difusão dos textos de Boccaccio na península ibérica, equacionando as intertextualidades como fenómenos de tradição, adaptação e receção. Se os capítulos precedentes trazem à luz preciosas leituras críticas e fundamentadas do *Memorial*, o capítulo 3 aborda, pela primeira vez, as relações com o texto de Boccaccio, o que abre caminho

não apenas para as relações de intertextualidade estudadas por Monteiro, mas para a necessidade, também reconhecida por ele, de dedicar mais atenção à difusão da obra boccacciana em Portugal a partir do século XV, fenómeno que em *Ficção e memória na literatura cavaleiresca ibérica: O «Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda»* (1567) já podemos mais do que vislumbrar, pois também disso nos dá conta o autor, que apresenta a tradução adaptada de Vasconcelos como a narrativa mais antiga escrita em português sobre o par amoroso Florisbel e Belfloris. Porém, o autor adverte que ambos os textos, o português e o italiano, confluem para fontes e transmissões textuais que remontam à Idade Média, não se limitando ao pé da letra, mas conservando um olhar amplo sobre a transmissão textual.

No capítulo 4, caminhamos para o outro desiderato do autor, a memória. Apesar de também os capítulos precedentes falarem de memória, uma vez que são perspectivadas as relações com diversos textos e tradições literárias, também isto sinónimo de memória, a atenção centra-se agora não em personagens, enredos e novos significados, mas no tempo e no espaço. Monteiro sublinha a preocupação de Vasconcelos em apresentar um espaço geográfico verosímil e reconhecível pelos leitores do século XVI, sendo este aspeto novedoso no *Memorial*, uma vez que obras congéneres como o *Amadis* ou o *Clarimundo* referem espaços mágicos não facilmente situáveis na geografia ocidental, enquanto aqui, ainda que se retomem espaços mágicos e maravilhosos, existe a necessidade de os aproximar de algo próximo, conhecido. Aliás, é a ocidente, sobretudo na Europa, que Vasconcelos situa a narrativa, conjugando referentes literários conhecidos pelo público, que passaram os tempos advindos do substrato arturiano. No *Memorial*, a geografia política situa-se entre o norte cristão e o sul muçulmano, espaço de conflito presente já em outras obras, como *Orlando o Furioso*, constituindo-se como um motivo. Contudo, como o autor adverte, é de salientar as evidentes relações entre Portugal e o Norte de África encetadas com a tomada de Ceuta, sendo sempre um desejo de conquista que culminou, já depois desta obra, com a derrota de D. Sebastião em Alcácer Quibir. Notemos que, se até agora na brilhante análise de Monteiro apenas víamos as ferramentas do teórico literário, aqui torna-se clara a sua também preocupação com outra memória, a memória histórico-cultural, de que já nos ia dando conta em apontamentos nos capítulos anteriores e que aqui ganha fôlego e lugar pertinente.

Chegados ao último capítulo, Monteiro estabelece uma simbiose entre a memória como registo de fama e glória e a escrita, instrumento único para essa perpetuação. Este processo começa na própria escrita como imitação de modelos anteriores, patente no Prólogo do *Memorial*. Neste, Vasconcelos defende a utilidade dos livros de cavalarias como um guia para os que desejam alcançar a fama e a glória que, futuramente, outros registarão. Monteiro nota também nos elementos paratextuais do livro de 1567, nomeadamente o frontispício, que representa as armas de Portugal, e a aproximação pensada com a historiografia, veículo da memória. É também com o corolário da memória que o capítulo caminha para o final, analisando-se o torneio de Xabregas, cujos testemunhos documentais Monteiro descreve pormenorizadamente e data inequivocamente em 1550, fixando, também ele, a memória referencial. Voltando ao texto literário de Vasconcelos, Monteiro refere que o torneio se cristaliza, como se num palco estivesse a ser assistido pelas personagens. Não é só o amor *ex visione* que é retomado, mas o sentido da visão, nomeadamente do que é dado a ver ao «espetador», as personagens do enredo também elas ficcionadas e dadas a ver como uma tessitura em camadas e múltiplos espelhos. Neste ponto da análise estabelece-se mais uma relação intertextual entre o *Memorial* e o *Palmeirim* que o autor coteja detalhadamente. Além de relações textuais, estabelece-se também um paralelismo entre memória literária e memória referencial. Pedro Monteiro reconhece na descrição do torneio um paralelismo entre a morte de uma das personagens, Adónis, e a do Príncipe D. João, depositando-se em D. Sebastião os mesmos desejos depositados, na ficção, em Sagamor após a partida de Artur. Toda esta simbologia está imbuída do didatismo característico dos livros de cavalarias, sublinhando-se aqui o aproveitamento de uma memória histórica, aqui ficcionada noutro tempo, para ensinar, aconselhar, guiar os homens, como é dito, para o que todos almejam, deixar memória.

Nas conclusões, o autor sintetiza os cinco capítulos e reafirma o seu propósito de encarar os livros de cavalarias como celebração de um passado, mas também como inovação. A nosso ver, ambos os objetivos foram superados. Monteiro destaca a singularidade do *Memorial* ao apresentar-se como uma obra que aproxima o mítico do tangível em três tempos: o passado arturiano que ressignifica; o presente da corte de Sagamor e dos vários cavaleiros; e o futuro da corte portuguesa de D. João III e D. Sebastião profetizado no final da obra, como claro guia para a fama e a boa memória.

Em *Ficção e memória na literatura cavaleiresca ibérica: O «Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda» (1567)* vemos o livro de Vasconcelos ser estudado, assumidamente, com uma visão narratológica, usando conceitos que se vão materializando na leitura atenta do texto, desde a mobilidade de figuras que ganham novos contornos, quer por assimilação entre várias outras de distintos universos literários, quer por ressignificação quase *ab initio*, até à aplicação do conceito proposto na introdução, transtextualidade, uma vez que são relacionados textos e motivos, desde o ponto de vista da imitação de modelos e tradições textuais até à adaptação e acomodação de narrativas coevas ou mais próximas temporalmente do *Memorial*. Pedro Monteiro recua até, situando-nos na ficção, às raízes arturianas, tecendo também ele a linhagem do *Memorial* e sua afinidade e releitura de outros, como o *Amadis*, o *Clarimundo*, o *Palmeirim*, o *Filocolo*, entre tantos textos e memórias culturais que, ao trazer para o seu estudo, acaba também por fixar. Além disso, ainda que o olhar da teoria da literatura seja o mais evidente, algo necessário para a dignificação dos livros de cavalarias e do lugar merecido nos estudos literários, no livro agora publicado não se descursa a memória sociocultural, mais do que presente ao longo de todo o estudo e claramente nomeada no último capítulo.

Em boa hora um livro tão singular foi estudado, abrindo caminhos para novas leituras da obra. Se *Ficção e memória na literatura cavaleiresca ibérica: O «Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda» (1567)* é um marco nos estudos dos livros de cavalaria, a edição publicada há cerca de um mês, também por Pedro Monteiro, do *Memorial das Proezas da Távola Redonda (Coimbra, João de Barreira, 1567)*, pela Sial/Universo de Almourol, vem colocar a memória no espaço que lhe pertence, a perpetuação pela escrita.